Associação Conquistas da Revolução

N.º 2 | JUNHO 2013

Folha Informativa II

EDITORIAL

A **Associação Conquistas da Revolução (ACR)** tem sempre afirmado - desde a data da sua constituição e face ao recrudescer da crise provocada por políticas ruinosas e antipatrióticas - que as ofensivas às Conquistas da Revolução, têm comportado em si a descaracterização e a destruição de elementos essenciais da democracia política, económica, social e cultural, nascida da Revolução de Abril. O programa do grande capital financeiro, imposto e aceite pelo actual poder, aponta o caminho de ofensivas destruidoras numa gravidade sem precedentes. Os últimos Orçamentos de Estado, ilegais e inconstitucionais, concretizam o mais brutal ataque à vida dos portugueses. As «medidas salvadoras do país» saldaram-se por catastróficos resultados. A crise agravou-se e tornaram-se ineficazes os sacrifícios impostos aos portugueses. A colossal imaturidade deste governo, errou nos diagnósticos e nas terapias; as metas previstas não foram alcançadas. Tudo ficou mais longe! A dívida soberana aumentou, a economia decresceu e o desemprego atingiu níveis assustadores. O empobrecimento e as desigualdades alastraram-se em paralelo com a deriva governamental. No abraçar duma ideologia seguidista, duma agenda neo-liberal, com o falso pretexto de reformas inexistentes, este governo mente e esconde que o seu fundamental objectivo é mudar o modelo económico-social. De uma organização que viva em função do bem-estar das pessoas, do interesse público e da redistribuição da riqueza, quer passar para uma sociedade organizada numa lógica de lucro e de mercado, de concentração de riqueza, do agravamento da desigualdade e do favorecimento de interesses privados.

02 | A Ditadura do grande capital financeiro e a União Europeia

04 | Programa das Comemorações do 40º aniversário do 25 de Abril

06 | Próximas Iniciativas

07 | Memórias.
Foi há quarenta anos...

08 | Conquistas da Revolução: DIREITO À HABITAÇÃO

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com

PRÓXIMA INICIATIVA:

• **11 JUNHO 2013** | *11h*

Romagem à campa do General Vasco Gonçalves pela passagem do 8º ano do seu falecimento.

Manuel Begonha
Presidente da Direcção

Que Governo temos?

Continuamos a viver numa crise em que o excesso de austeridade vem estiolando a economia e delapidando, por má gestão, o capital humano.

O Governo imprime um clima de medo para impor a violência das suas medidas, prioritariamente sobre os mais fracos, como os funcionários públicos, pensionistas e reformados. Constituiu-se num factor de instabilidade, sempre apoiado pelo Presidente da Republica, tornando medidas provisórias em permanentes e insistindo na sua aprovação apesar de reconhecidamente inconstitucionais.

O Governo não estuda, nem consensualiza as decisões, não existindo compromisso com o povo português baseado na confiança e na credibilidade. Parece estar apenas à espera de um novo ciclo histórico que traga outros ventos para a Europa. Na verdade não tem rumo, movendo-se de forma errática e com uma geometria variável na coligação. O PSD só se preocupa em garantir cargos na Comissão Europeia. O CDS apenas pretende não perder eleitores. Assim se vai permitindo a humilhação do país e sucessivos atentados à soberania nacional.

A versão do Governo da Reforma do Estado, consiste afinal no desmantelamento do Estado Social. Ultrapassado o limite da nossa tolerância ocorrem grandes manifestações populares como a do 25 de Abril e do 1º de Maio. Quem pretende defender as conquistas da Revolução tem de tirar consequências delas.

A Ditadura do grande capital financeiro e a União Europeia

A. Avelãs Nunes, *Presidente da Assembleia Geral da ACR, Excertos da sua obra "A Crise do Capitalismo"*

Como é sabido, a consolidação do mercado interno, a construção da União Económica e Monetária e a densificação da União Europeia têm-se traduzido, para os estados-membros, na perda de soberania.

No quadro da UEM, o euro é uma moeda sem estado, a moeda de um espaço que não tem um parlamento nem um governo dotados de legitimidade e de competências. Não tem por isso mesmo uma política económica integrada, nem tem uma política fiscal minimamente harmonizada e nem assume uma divida comunitária.

Para países como Portugal, que exportam produtos de baixa tecnologia e de fraco valor acrescentado, a valorização do euro significou, só por si, um aumento de 34,5 % do preço dos produtos. Dentro da lógica da UEM, só resta acatar a ortodoxia monetarista, que impõe o sacrifício do crescimento, o aumento do desemprego, a privatização das empresas públicas (a preços vis), a redução do investimento público, a redução dos direitos sociais, a diminuição dos salários e das pensões de reforma.

Em Portugal, os custos de mão-de-obra representam muito pouco em termos de custos globais de produção. Pesam muito mais os custos de energia, os custos do crédito, os custos dos transportes, os custos da corrupção, da burocracia e da ineficiência do sistema judiciário.

Assim sendo, a persistência na estratégia de generalizar a toda a EU as políticas neoliberais de baixa do poder de compra, ao provocar a diminuição da procura global em toda a Europa, só conduzem a taxas negativas de crescimento e ao aumento do desemprego. Em Portugal, os últimos Orçamentos de Estado, traduzem-se num ataque sem precedentes aos direitos e às condições de vida dos que vivem do seu trabalho ou das suas pensões. Portugal é um dos países mais desiguais da Europa onde as políticas de austeridade mais sacrifícios têm imposto aos pobres e menos têm exigido aos ricos.

O empréstimo concedido a Portugal é de 78.000 milhões de euros. Destes 12.000 milhões são destinados ao reforço de capitais dos bancos privados. Mas o povo português… não fica acionista! Nada se exige aos bancos como contrapartida, **ao menos concederem crédito à economia**. Outra fatia de 35.000 milhões deve ser reservada para concessão de garantias à banca pelo estado português….Os juros e comissões a pagar levarão mais de 34.000 milhões. E chamam a isto ajuda!!!!

Sem o mínimo de pudor, o Tratado de Estabilidade, Coordenação e Governação na UEM, assinado em Bruxelas (Março/2012), vem atribuir novas competências à Comissão Europeia e ao Tribunal de Justiça da UE (que são instituições da EU), apesar de tal tratado não ser subscrito por alguns estados-membros. Com nova regra, agora inventada, o Tratado entrará em vigor desde que seja ratificado por 12 dos 25 estados que o subscreveram. Este tratado não é mais do que um “pacto colonial” em que o neoliberalismo se impõe como verdadeira ditadura da burguesia, mais especificamente: **a ditadura do grande capital financeiro!**

Para sairmos desta caminhada vertiginosa para o abismo, é necessário evitar que o mercado substitua a política, que as “leis do mercado” se sobreponham aos normativos constitucionais e que o estado democrático ceda o lugar a um qualquer estado tecnocrático.

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES

DO 40º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

I-ABRIL É O FUTURO.
Comemoramos Abril sempre!

E, este ano, é evocando o seu 39º aniversário que damos início às comemorações do aniversário que aí vem: o 40º – data certa, por isso a exigir celebrações especiais.

Fazemo-lo tendo presente nas nossas memórias, de forma impressiva, aquele dia 25 do ano de 1974 – Dia da Liberdade – bem como o processo revolucionário que se lhe seguiu e que, nascido da aliança Povo/MFA, viria a conduzir à construção da democracia mais avançada alguma vez existente em Portugal: democracia económica, política, social, cultural, amplamente partici-pada e tendo como referência básica a independência nacional - a Democracia de Abril, como, muito justamente, lhe chamámos.

Fazemo-lo recordando a Revolução de Abril e as suas Conquistas que transformaram profunda e positivamente Portugal e foram ponto de partida para a materialização de um projecto que tinha como vector determinante o respeito pelos direitos e interesses dos trabalhadores, do povo e do País: a liberdade, os direitos sociais e laborais, a justiça social, as nacionalizações, a reforma agrária, a descolonização, a paz, a independência nacional – Conquistas que são o símbolo dos valores e dos ideais da Revolução de Abril e que continuam a afirmar-se, na situação actual, como setas apontadas ao Futuro.

Fazemo-lo sublinhando a importância histórica da Constituição da República Portuguesa que, aprovada em 2 de Abril de 1976, consagrou a Revolução de Abril e as suas Conquistas e continua a constituir, hoje - apesar de já submetida a sete revisões, cada uma delas roubando-lhe pedaços de Abril – uma relevante plataforma da luta em defesa dos valores de Abril.

Fazemo-lo nunca esquecendo e sempre denunciando o longo processo contra-revolucionário: o seu início; os seus objectivos; os seus protagonistas; os métodos a que tem recorrido; o seu ódio a Abril; o estado a que conduziu o País.

É essa política da contra-revolução - executada nas últimas quatro décadas por quase uma vintena de governos da troika nacional, todos em frontal desrespeito pela Constituição da República, todos fora da lei Fundamental do País e, de há dois anos para cá, sob a batuta da troika ocupante - a única responsável pelo estado de desgraça a que Portugal chegou.

É essa política de ódio a Abril que urge derrotar e substituir por um política de sentido oposto, logo inspirada nos valores de Abril.

Por isso, comemoramos Abril. Por isso o comemoramos em luta. Com a firme convicção de que é nos valores de Abril - nas suas conquistas políticas, sociais, económicas, culturais, civilizacionais - que se encontra a solução para os muitos e graves problemas criados pelos governos e pela política da contra-revolução. Com a certeza de que a conquista de tal solução depende, no essencial, da luta dos trabalhadores e do povo.

Com os trabalhadores e o povo, com a intervenção organizada de todos os homens, mulheres e jovens identificados com os valores de Abril, conquistaremos um rumo novo para Portugal.

Abril vencerá!
Porque Abril é o futuro.

II-COMEMORAÇÕES do 40º aniversário

A Direcção da ACR, com o apoio dos núcleos já existentes e a criar, promoverá, ao longo de 2013 e no decorrer de 2014, em vários pontos do País e, se possível, nas Emigrações, um ciclo de debates, conferências, colóquios sobre temas específicos relacionados com as Conquistas da Revolução. No entanto:

*** Ainda em 2013, concretizaremos outras iniciativas já programadas:**

- Homenagem a Ramiro Correia;
- Almoço comemorativo do 25 de Abril;
- Participação nas manifestações do 25 de Abril e do 1º de Maio;
- Romagem à campa do General Vasco Gonçalves;
- Homenagem ao Poeta da Revolução, J.C. Ary dos Santos com o espectáculo: «As Portas que Abril Abriu» -
- Sessão para divulgação de sócios de mérito da ACR (militares, políticos, intelectuais)
- Evocação de Álvaro Cunhal, no Centenário do seu nascimento.

***No ano de 2014, propomo-nos levar por diante:**

- A realização de um conjunto de iniciativas alusivas às lutas travadas pelos trabalhadores e pelo povo pouco antes do 25 de Abril de 1974.
- A organização de almoços e jantares de comemoração, por altura do 25 de Abril, em Lisboa e em todo o lado onde os núcleos locais tiverem possibilidade de o fazer.
- A participação nas comemorações do 25 de Abril e do 1º de Maio
- Homenagem ao General VascoGonçalves:
  • romagem ao cemitério do Alto de S. João;
  • lançamento do livro «Vasco» - construído na base de depoimentos de diversas personalidades.
- Realização do Congresso das Conquistas da Revolução.

No decorrer das comemorações promoveremos uma campanha de angariação de sócios e de incentivação à criação de núcleos locais.

PRÓXIMA INICIATIVA:

| 11 JUNHO 2013 - 11h00

Romagem à campa do General Vasco Gonçalves pela passagem do 8º ano do seu falecimento.

ACTIVIDADES RECENTES:

| 21 MARÇO 2013

Realizou-se a sessão pública sobre a CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA com a participação do Juíz Jubilado do TC, Guilherme da Fonseca e de Ilda Figueiredo, da direcção do CPPC.

| 13 A 21 ABRIL 2013

Realizou-se a sessão pública e apresentação de exposição evocativa de RAMIRO CORREIA e as "campanhas de dinamização cultural do MFA".

| 18 ABRIL 2013

Realizou-se a Assembleia Geral da ACR que aprovou o "Relatório e Contas da Direcção e o Parecer do Conselho Fiscal" da actividade em 2012. Foi também aprovado o "Programa das Comemorações do 40º aniversário do 25 de Abril". *(ver páginas centrais)*

| 20 ABRIL A 1 MAIO 2013

Decorreram várias intervenções de associados junto de Escolas, Universidade, Autarquias, Colectividades e outras instituições comemorando o 39º aniversário do 25 de Abril. A ACR realizou ainda o almoço comemorativo desta data, no dia 20, e participou nas manifestações populares do 25 de Abril e do 1º de Maio.

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com

Sugere-se a visita ao blogue da ACR onde são publicados todos os comunicados e noticiadas as iniciativas da Associação.

Nesta edição

Em separata, os nossos associados e leitores poderão observar uma **listagem das Conquistas da Revolução consignadas em diplomas legais**. Teremos como objectivo apresentar, no "Congresso das Conquistas da Revolução", agendado para 2014, um livro com descrição mais pormenorizada dessas conquistas e também as pequenas histórias associadas às mesmas, vividas naquele período glorioso, contadas na primeira pessoa.

***Envie-nos** por "e-mail" ou por carta **a sua história**.*

colabore!

MFA. Capitães iniciam contestação, prólogo da revolta.

Estamos em 1973. Decorre o 12º ano da guerra colonial. O fascismo teima "orgulhosamente sós" contra os ventos da História. O colonialismo fenece. As grandes potências cedem aos direitos conquistados pelos povos oprimidos. Fruto das lutas antifascistas e do movimento internacional ergue-se a consciencialização libertadora. Os capitães estão fartos da guerra, da mentira e da hipocrisia. Descobrem que o inimigo não está na mata tropical mas nas altas hierarquias. Em Junho, a primeira manifestação de militares traduz-se pelo repúdio, ao "congresso dos combatentes" no Porto. Encenação fascista para perpetuar a guerra. Oficiais de carreira rejeitam tal farsa e protestam. Primeiro em Bissau e de imediato no continente. Não muito depois a contestação na Guiné-Bissau agudiza-se. Em Agosto é enviado às mais altas patentes, governamentais e militares, um documento de objecção colectiva, subscrito por meia centena de capitães, acto marcante de sublevação disciplinar. Assim se inicia a preparação para a revolta, convergindo na célebre reunião dos 136 capitães e subalternos em Alcáçovas/Évora a 9 de Setembro. A gestação para a alvorada da Liberdade levaria, curiosamente, nove meses.

Luta de Massas

Primeiros meses de 1973

Em Janeiro, os pescadores de Matosinhos, Aveiro e Figueira da Foz, levam por diante uma poderosa greve.

No mesmo mês, os bancários de Lisboa promovem uma manifestação na capital.

Em Março, 13 Comissões Distritais do Movimento Democrático reúnem num Encontro Nacional e proclamam o seu propósito de apresentar candidatos às «eleições» desse ano.

Milhares de trabalhadores em luta: Messa, Firestone, Soda Póvoa, Robialac, Empresa Fabril do Norte, Mague, Moagens Ribatejanas, Flândria, CUF, Cabos Ávila… Lutas dos metalúrgicos: Aveiro, Lisboa e Porto.

Em Abril tem lugar o 3º Congresso da Oposição Democrática, no último dia do qual 5 mil pessoas participam numa romagem à campa de Mário Sacramento – e são alvo de uma violenta carga policial.

Ainda em Abril, os pescadores da Costa Norte avançam para uma greve que viria a durar 70 dias. O 1º de Maio é comemorado por milhares de trabalhadores (Lisboa, Porto, Coimbra, Santarém, Alpiarça, Almada, Aljustrel, Couço…) que, em vários casos, sofrem cargas das forças repressivas.

Conquistas da Revolução: DIREITO À HABITAÇÃO

À data do 25 de Abril de 1974, 25% dos portugueses viviam em alojamentos sem as mínimas condições de conforto, segurança, salubridade e privacidade. 52% não possuíam abastecimento de água, 53% electricidade, e 60% rede de esgotos. Proliferavam os "Bairros de Lata" na periferia das grandes cidades e um pouco por todo o lado os bairros degradados e sobre-ocupados eram a imagem dum país ao abandono.

O poder revolucionário, confrontado com esta realidade e com as justas reivindicações dos moradores, logo em Junho de 1974, aprova um PROGRAMA DE ACÇÕES PRIORITÁRIAS a executar pelo Fundo de Fomento da Habitação com vista à solução deste gravíssimo problema. E, em Abril de 1975, o IV Governo Provisório, presidido por Vasco Gonçalves, assumia: "**Há no país centenas de milhares de famílias sem habitação ou habitando em condições sub-humanas.** E é manifesto que, a despeito das medidas já tomadas ou em estudo e das acções programadas para fomentar a construção não haverá possibilidade de, mesmo a médio prazo, resolver totalmente o grave problema dessa construção e do adequado alojamento dessas famílias. A via que, consequentemente, se oferece, e que os mais elementares princípios de justiça social impõem que se adopte, para minorar esta carência, é a de promover a integral utilização do parque habitacional do país, já que enquanto houver pessoas sem casa não é admissível que existam casas sem pessoas."

Hoje, 39 anos passados, mais de 95% das habitações existentes têm água, mais de 90% têm saneamento e existem mais de 4oo.ooo desocupadas. Por força das ruinosas políticas de direita, impostas nos últimos 37 anos, muita gente, incapaz de solver os compromissos com a Banca, está a perder as suas casas e os sonhos de uma vida melhor.

Urge questionarmos: "existindo tanta casa sem pessoas, é admissível pôr tantas pessoas sem casa?"

Baptista Alves
Vogal da Direcção

Defender Abril · Construir o Futuro

Associação Conquistas da Revolução

Edição: Associação das Conquista da Revolução
Coordenador: Duran Clemente • *Design:* Ana Neves

E-mail: conquistasdarevolucao@gmail.com
Blogue: www.conquistasdarevolucao.blogspot.com | *Site:* www.conquistasdarevolucao.pt

DEPÓSITO LEGAL 360191/13

INFOS

| QUOTAS

Solicita-se aos associados que queiram efectuar o seu pagamento, por depósito bancário, que o façam para:

NIB 0035 2178 0002 9245 6304 6